



SAÚDE

Mais inclusão e mais exames para autistas

Diagnóstico precoce e socialização são essenciais para portadores do transtorno que afeta 2 milhões de pessoas no país

» VITÓRIA TORRES*

Nana Calimaris precisou de 48 anos para descobrir uma realidade fundamental na vida: o autismo. “Receber o diagnóstico foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida”, diz. “Eu sempre busquei uma resposta. Eu me perguntava ‘O que tem de errado comigo? Por que eu não consigo saber se as pessoas gostam de mim?’”, conta a iogaterapeuta. Ela faz parte do contingente de 2 milhões de brasileiros que apresentam esse transtorno. O autismo não é considerado uma doença, mas, para os portadores e os familiares, frequentemente significa sofrimento e preconceito.

Uma das bandeiras do Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, celebrado ontem, é a criação de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora. Embora haja avanços na compreensão e no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), persiste a falta de acesso a serviços de diagnóstico precoce.

O TEA afeta uma a cada 100 crianças. Aproximadamente 70 milhões de pessoas vivem com essa condição médica, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento humano caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social. Além disso, pode apresentar comportamentos repetitivos, interesses restritos e alta sensibilidade sensorial, dificultando a maneira como os indivíduos afetados percebem e interagem com o mundo ao seu redor. O autismo é classificado em três níveis distintos, cada qual com um suporte necessário específico — leve, moderado ou elevado.

Receber o diagnóstico de autismo pode trazer alívio e revelação para muitas pessoas. Para outras, contudo, o processo até a

Tânia Rêgo/Agência Brasil



Caminhada pela Conscientização do Autismo: transtorno afeta 70 milhões de pessoas no mundo, diz OMS

descoberta é cansativo. O diagnóstico é considerado tardio quando ocorre depois dos 18 anos.

Mesmo na idade adulta, muitos autistas lutam para entender suas diferenças e dificuldades. Para Nana, a aceitação foi um processo transformador. Por isso ela acredita que o diagnóstico é uma porta para a libertação pessoal. A terapeuta ajuda pessoas com a mesma condição médica e envia uma mensagem a quem é como ela. “Parabéns para cada autista que chegou à idade adulta, mesmo com muitas marcas e feridas. Parabéns pela sua jornada. Você é o herói ou a heroína da sua própria história!”, diz.

O diagnóstico desafia muitos profissionais de saúde e famílias devido à natureza sutil e complexa dos sintomas. O neurologista infantil e da adolescência Hélio Van der Linden explica que os sinais são discretos em muitos casos, com indivíduos apresentando

habilidades de comunicação verbal razoáveis e interação social aparentemente normal em determinadas situações.

No entanto, em momentos de maior demanda social, como durante a adolescência, os sintomas clínicos podem se manifestar de maneira mais evidente, levando ao diagnóstico tardio. Além disso, existe a capacidade de mascarar os sintomas, especialmente em meninas, que podem imitar comportamentos sociais e camuflar características autísticas, dificultando ainda mais o reconhecimento precoce do transtorno.

Para o pediatra e especialista em TEA Saulo de Serrano e Pires, alguns pais relutam em relatar todos os sintomas de seus filhos por medo do diagnóstico. Por isso, ele enfatiza que o exame representa a oportunidade de buscar apoio adequado.

“Ainda existe bastante preconceito. Às vezes os pais ficam

com receio de relatar tudo que a criança tem, por medo do diagnóstico. O diagnóstico não é o fim, ele é o começo. É a partir do diagnóstico que a pessoa começa a se entender”, afirma.

Representatividade

O deputado federal Amom Mandel (Cidadania-AM), considera que o autismo lhe proporciona habilidades únicas, como o hiperfoco, que ele pretende utilizar na política. “Descobri o que me faz querer dormir e acordar todos os dias, quero transformar o autismo em dá, como o hiperfoco, vão me ajudar nisso”, disse o parlamentar ao **Correio**.

“Além de autista, sou o mais jovem do Congresso Nacional. Tinha medo de como as pessoas me veriam se admitisse que era autista, mas tomar essa informação pública acabou me libertando,



Às vezes os pais ficam com receio de relatar tudo que a criança tem, por medo do diagnóstico. O diagnóstico não é o fim, ele é o começo. É a partir do diagnóstico que a pessoa começa a se entender.”

Saulo de Serrano e Pires, pediatra e especialista em TEA

Dose única contra o HPV

A vacina contra o HPV (sigla em inglês para Papilomavírus Humano) passou a ser de aplicação em dose única, segundo o Ministério da Saúde. Até então, eram aplicadas duas doses. O público-alvo segue sendo a faixa etária de meninos e meninas de 9 a 14 anos.

Com a medida, a pasta estima dobrar a capacidade de imunização contra o vírus que causa câncer de colo de útero, pênis, vulva, boca, entre outras complicações.

O ministério pretende, ainda, aumentar a adesão à vacinação e ampliar a cobertura vacinal para eliminar o câncer de colo de útero como problema de saúde pública. O Instituto Nacional do Câncer (Inca) estima que o câncer de colo de útero é o terceiro tumor mais frequente na população feminina e a quarta causa de morte de mulheres por câncer no Brasil, sendo responsável por cerca de 17 mil novos casos e quase 7 mil óbitos por ano. Estima-se que, em 2023, 10.700 mortes por câncer relacionado ao HPV poderiam ter sido evitadas no país.

“O Brasil completa este ano 10 anos da vacina contra o HPV. Conforme foi se consolidando o uso dessa vacina, foi se acumulando conhecimento sobre ela e também sua efetividade. Viu-se que com uma dose já se garante um número de anticorpos suficientes contra o vírus”, afirmou Eder Gatti, diretor do Programa Nacional de Imunização (PNI), durante coletiva de imprensa realizada ontem.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já havia recomendado a vacinação contra o HPV em dose única. Outros países já acataram a orientação — o Brasil é o 37º a adotar esse esquema vacinal. Além disso, de acordo com a pasta, estudos da Agência Internacional de Pesquisa sobre Câncer (IARC) e do Instituto Nacional do Câncer (INCA) mostraram que a eliminação do câncer de colo de útero varia pela cobertura vacinal e a incidência de câncer em cada região. Assim, é importante que haja cada vez mais imunizados.

Atualmente, no país, a cobertura vacinal para meninas com a primeira dose atinge 76%, no entanto, para a segunda dose não alcança 60%. Em relação aos meninos, a cobertura com a primeira dose é de 42% e a segunda, de 27%.

O público-alvo da vacinação contra o HPV são meninas e meninos de 9 a 14 anos, pois a ideia é protegê-los antes da exposição ao vírus. O grupo prioritário também inclui pessoas com imunocomprometimento, vítimas de violência sexual e outras condições específicas, podendo receber a vacina até os 45 anos.

O Ministério da Saúde recomenda ainda que estados e municípios realizem busca ativa para garantir que todos os jovens brasileiros de até 19 anos tenham sido vacinados. Nesses casos, poderão receber o esquema em dose única todas as pessoas dentro dessa faixa etária que não foram imunizadas ou que estão com o esquema vacinal incompleto. (MS)

Dengue recua em 7 estados e no DF, segundo o MS

» MAYARA SOUTO

Sete estados e o Distrito Federal já atravessaram o pico de casos de dengue neste ano, segundo o Ministério da Saúde. Nos últimos anos, a doença apresentou alta entre os meses de março e abril. Desta vez, os maiores valores foram registrados no fim de janeiro, fevereiro e início de março. Atualmente, o país marca 2,6 milhões de infectados, 991 mortes pela doença e outras 1.483 em investigação, somente em 2024.

Acre, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Piauí e Roraima, além do DF, são os locais onde a incidência da doença está diminuindo. Segundo a secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente, Ethel Maciel, eles foram os primeiros a aumentarem os casos e, por isso, já passaram o pico e estão revertendo a curva. O Distrito Federal, por exemplo, lidera o ranking de incidência da doença (nº casos/100 mil habitantes) desde o início do ano e, agora, está apresentando queda. A 13ª semana epidemiológica, que finalizou no último sábado, teve 2.896 casos notificados — um contraste significativo em relação à 12ª, que teve 10.870. Nas duas semanas anteriores a essa, também houve decréscimo,

Como está a dengue no Brasil

O Ministério da Saúde anunciou ontem que oito unidades federativas apresentaram queda no número de casos de dengue. Outros 12 estão em estabilidade e sete com aumento. Veja no gráfico.



Fonte: InfoDengue

de 15 mil para 13 mil.

Há ainda alguns locais que estão com número estável de casos notificados: Amapá, Ceará, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio

de Janeiro, Rondônia, Rio Grande do Sul e Tocantins. O Paraná, que é o quarto em número de incidência e também teve aumento de casos no início do ano, apresentou uma queda

nesta semana epidemiológica, mas ainda é considerado estável. Na 10ª semana, foram 32 mil casos. Houve um aumento para 34 mil casos na 11ª; seguiu-se um declínio na 12ª, com 32 mil; e a 13ª, com 13 mil.

Maciel explica que, em alguns locais, a desaceleração dos casos está sendo tão rápida quanto o aumento. No entanto, ainda é preciso cautela, já que os casos continuarão ocorrendo. “Queremos chamar a atenção para este momento com tendência de queda e estabilidade. Mas, [a situação] ainda requer atenção, precisamos que as pessoas continuem dedicando 10 minutos contra a dengue, olhando os focos do mosquito. Temos também a necessidade nos municípios onde a vacina está disponível de que os pais e responsáveis levem as crianças para tomar a vacina contra a dengue”, declarou a secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente.

A também epidemiologista alertou que alguns estados apresentam alta de casos neste momento: Alagoas, Bahia, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Por questões climáticas, o Nordeste costuma ter alta de casos da dengue mais tarde, em maio, e, por isso, iniciou a onda

de casos recentemente.

A Bahia começou a apresentar aumento significativo de casos somente na 8ª semana epidemiológica, com 11 mil casos. A 11ª semana foi a com maior número de casos, mais de 18 mil notificados. Desde então, também há queda nos números — foram 13 mil na 12ª semana e 3,6 mil na 13ª.

O aumento nesses locais, segundo Maciel, não está sendo tão abrupto quanto foi nos estados que estão em queda. Há ainda a expectativa de que boa parte de onde os casos estão estáveis confirme a queda — como é possível que aconteça no Paraná. Por esse motivo, a pasta ainda está cautelosa sobre confirmar que o pico da doença no Brasil já passou, mas afirma que na próxima semana deverá ter uma resposta definitiva.

Maciel deixou, no entanto, um recado para que as medidas de cuidado não sejam afrouxadas. “Há indícios de que passamos o pico da curva [de casos da dengue no Brasil], mas ainda temos toda a descida da curva. Continuarão existindo casos de dengue. Precisamos manter nossas ações de atenção, vigilância, e a população consciente”, finalizou.